

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS

Liturgia Anglicana – diversidade e padrão

Dom Sumio Takatsu

Este trabalho é uma tentativa de fazer um pequeno levantamento de *Livros de Oração Comum* atuais e perguntar se existe uma liturgia caracteristicamente anglicana.

Primeiro: Os livros disponíveis ao presente levantamento são da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, da Igreja Episcopal nos Estados Unidos, da Igreja da Inglaterra, da Igreja da Irlanda, da Igreja Episcopal na Escócia, da Nova Zelândia e da África do Sul. Além destes, há um levantamento feito por Colin Buchanan que, embora limitado, diz algo sobre a liturgia anglicana em termos de seu padrão.

Segundo, o que se vamos abordar aqui é a liturgia oficial dessas Igrejas e não liturgias “experimentais”.

As revisões de liturgia que ocorreram neste século foram inspiradas nos experimentos de renovação litúrgica relacionados com a renovação bíblica do século passado de âmbito ecumênico. Em nível mais doméstico do anglicanismo, tiveram um papel preponderante as experiências nos campos missionários na Índia e África. Também ocorreram experimentos litúrgicos antes de 1928 nos Estados Unidos, na Escócia, Canadá e Inglaterra. Além disso, foi decisiva a publicação de *The Shape of Liturgy*, da autoria de Gregore Dix, em 1945. Por outro lado, não se pode ignorar a Conferência de Lambeth de 1958, que acelerou as revisões dos *Livros de Oração Comum*. Encontra-se no relatório da 2a. reunião do Conselho Consultivo Anglicano, a reprodução das resoluções e diretrizes para as eventuais revisões dos Livros. Na verdade, o relatório e as resoluções de 1958 têm suas raízes na Conferência de 1920. Isso não pode ser esquecido. A resolução 36 de 1920 diz:

Embora se mantenha a autoridade do Livro de Oração Comum como padrão anglicano de doutrina e prática, consideramos que a uniformidade litúrgica não deve ser tomada como necessária nas Igrejas da Comunhão Anglicana. As condições da Igreja em muitas partes do campo missionário tornam inaplicável a preservação do Livro como um elo fixo de liturgia.

Outra resolução, a de número 37, acrescenta:

Embora o direito inerente de um bispo diocesano de expor e sancionar formas litúrgicas esteja sujeito à limitação que possa ser imposta pela autoridade superior do sínodo, é desejável que tal autoridade não seja rigidamente exercida enquanto se preservem as feições essenciais à salvaguarda da unidade da Comunhão Anglicana.

Essas resoluções vieram do relatório da Comissão sobre Problemas Missionários. Eis alguns trechos:

As Conferências de Lambeth de 1867, 1888, 1897 e 1908 reconheceram a necessidade de adaptar e enriquecer os ofícios do Livro de Oração Comum e Administração de Sacramentos e Outros Ritos e Cerimônias da Igreja, de acordo com o uso da Igreja da Inglaterra, a fim de ir ao encontro das necessidades e condições das raças e países de além-mar. Porém, com o desenvolvimento da consciência das Igrejas nacionais (indígenas, como se dizia na época), há uma exigência bem difundida nos campos missionários para não só proceder a adaptação e enriquecimento dos Livros existentes, mas também para criar formas e ofícios construídos de outra maneira. O princípio da uniformidade exposta no Prefácio do Livro inglês (o qual não foi elaborado à luz das condições hoje existentes nos campos missionários) não é aplicável às dioceses e Províncias no campo missionário, nem em si mesmo necessário como laço de união entre as Igrejas com as quais temos a unidade de fé.

O relatório continua tecendo comentários sobre a importância de se levar em consideração, na elaboração de novas formas de liturgia, aqueles elementos que preservam a unidade entre as Igrejas da Comunhão Anglicana, e conclui com a recomendação das duas resoluções acima, apresentando certo critério para o pleno exercício da liberdade do bispo diocesano:

- 1) manter o equilíbrio bíblico e católico da verdade;
- 2) dar devida consideração aos precedentes da Igreja Primitiva;
- 3) Observar os limites que possam ser impostos pela autoridade superior do Sínodo;
- 4) Lembrar-se com amor fraterno da consideração do possível efeito de sua ação sobre outras Províncias e ramos da Comunhão Anglicana.

Vemos, por um lado, a importância de a liturgia se “encarnar” ou contextualizar-se numa cultura, e, por outro lado, a ênfase na manutenção da Comunhão Anglicana. Também, o *jus liturgicum*, (o direito litúrgico do bispo diocesano), é apoiado e, ao mesmo tempo, dá-se ao Sínodo, a função de equilibrar o eventual exercício arbitrário do direito por parte de um bispo diocesano.

Antes de procedermos à comparação entre alguns Livros, adotemos uma definição razoável de liturgia. A liturgia é a ação conjunta do povo de Deus. A ação conjunta é ação pública da igreja. De fato, a liturgia vem da junção de dois termos: *laós* e *érgon*, isto é, povo e trabalho (ou ação). Daí poder-se dizer que a liturgia é a Igreja reunida em ação. Na Igreja Primitiva, dizia-se que o povo ia à *synaxis* - isto é, à reunião, à assembléia. Neste ponto, é bom sabermos que a Igreja Anglicana do Canadá denominou como subtítulo "Reunião da Comunidade", a Liturgia do Batismo, da Eucaristia e do Santo Matrimônio. Em poucas palavras, a reunião da Igreja ou a Igreja reunida já é parte essencial da Liturgia. Não existe a liturgia sem a Igreja reunida.

A ação se refere à celebração dos atos de Deus Triúno para a salvação da humanidade, realizados e revelados em Jesus Cristo. Trata-se de celebração do memorial (anamnésis) da ação decisiva de Deus em Jesus Cristo, e antecipação (prolépsis), antegozo da manifestação plena do reinado de Deus. Portanto, a liturgia tem muito a ver com o nascimento, a identidade e a missão do povo de Deus e sua esperança. Outro termo preferido pelos anglicanos em todo mundo é "Adoração". A Igreja se reúne para a adoração. O ato central da adoração da Igreja é a Eucaristia, conforme as normas do LOC (p.11).

A Eucaristia como ato central não elimina outras formas de celebração. A celebração dos atos de Deus para a salvação, do memorial e antecipação, se realiza em diversas ocasiões diferentes. Por exemplo, na recepção de novos membros da Igreja pelo Santo Batismo, na ratificação dos votos batismais com a imposição das mãos (Confirmação), no Casamento, no Sepultamento, na Admissão de pessoas ao ministério ordenado (Ordinal). A Igreja também celebra os atos de Deus sem os Sacramentos. Temos para esse fim, as Orações diárias (Matutina e Vespertina) e a Lítania.

Comparação de Livros de Oração Comum

Começamos com o Livro mais antigo após a Conferência de Lambeth 1958. O livro americano foi publicado em 1978 como o Livro proposto e apresentado à Conferência de Lambeth de 1978, e oficializado em 1979.

O livro é estruturado de modo que se aproxime à liturgia central da Igreja aos domingos e Festas principais. As Orações Matutina e Vespertina e Eucaristia são considerados ofícios regulares da Igreja. Pressupõe-se que, diariamente, se celebre a Oração Matutina e Vespertina. Assim, até chegar à Eucaristia, há um primeiro bloco feito de introdução e calendário. Isto é comum a todos os livros da Comunhão Anglicana. Por que o calendário? A celebração da Igreja se processa no tempo e a organização do ano corresponde a uma visão teológica.

Em seguida vem o segundo bloco, formado por Oração Matutina, Oração Vespertina, Oração do Meio-dia, Completas, Devoções individuais e pessoais. A localização deste segundo bloco é comum, praticamente a todos os livros, variando quanto aos itens "oração para várias ocasiões". Em alguns livros só constam as Orações Matutina e Vespertina.

O terceiro bloco consiste de Litanias para serem usadas na Oração Matutina ou Vespertina ou na Eucaristia. Trata-se da forma de oração participativa. Historicamente, os puritanos se mostraram contrários à Litania e preferiam as orações feitas por um indivíduo. O padrão anglicano mostra que em todos os livros, há Litanias, diferindo-se quanto à sua localização.

O quarto bloco é composto de Coletas. O que se distingue aqui é o quinto bloco - "Liturgias próprias para dias especiais". O seu conteúdo e localização antes do Batismo é bastante significativo. Quanto ao seu conteúdo, esse bloco inicia com a Liturgia da Quarta-feira de Cinzas. Trata-se do início do Ciclo Pascal. Só que essa celebração inicia a preparação em função da páscoa. A Quaresma faz parte do Ciclo Pascal, tendo sua função preparatória. A segunda liturgia é a do Domingo da Paixão (Ramos). O domingo da paixão começa a semana de Oito Dias, culminando no Domingo da Ressurreição. A terceira liturgia é a da Quinta-feira Santa, o início do tríduo, que compreende a festa da Instituição da Ceia do Senhor, a crucificação e a ressurreição. Em seguida vem a Liturgia da Sexta-feira da Paixão, do Sábado Santo e a Grande Vigília Pascal. Consta de uma série de leituras do Antigo Testamento e dos Salmos, culminando no Batismo (se houver) ou renovação dos votos batismais.

O próximo bloco é o batismo. Assim, na dimensão temporal, começando com a Quaresma, caminha na direção do Batismo, fazendo a síntese desse preparo na Semana Santa e identificando-se, sacramentalmente, com a morte e ressurreição de Cristo no batismo, o início da igreja. E o Batismo é assim localizado e estruturado como a porta para a Eucaristia.

Esta seqüência não é seguida por todos os Livros. Porém, é comum a todos a localização das Orações Matutina e Vespertina no início do Livro. Os livros do Canadá e da Nova Zelândia colocaram o Batismo antes da Eucaristia. Porém, o destaque das Liturgias especiais antes do Batismo não é compartilhado por outros livros. Diga-se de passagem que o livro canadense alternativo colocou a Vigília Pascal antes do Batismo.

Todos os livros das Igrejas da Comunhão Anglicana contém a liturgia da Confirmação, do Casamento, do Sepultamento, a visitação aos enfermos, Saltério e Ordinal. Alguns têm catecismo; outros não.

Portanto, uma das características da liturgia anglicana contemporânea é a diversidade. As Províncias não dependem mais do LOC inglês de 1662. Na verdade, naqueles dias já havia o livro escocês seguindo o padrão antioqueno em sua liturgia eucarística.

A Unidade dos Livros de Oração Comum - Padrão de Liturgia

Com a afirmação da diversidade surge uma questão: há algo de comum nas liturgias anglicanas reconhecível como "anglicano"? Sim, existe um padrão

de liturgia aceito pelos anglicanos. Esse padrão se encontra nas diretrizes de Lambeth 58. nesse sentido, praticamente todos os livros contém as mesmas liturgias ou ofícios divinos.

Assim, um eventual viajante anglicano num determinado país participa da Oração Matutina ou Vespertina e sabe do que se trata. Os títulos dessa seção dos Livros são "Ofícios Diários" ou "Ofícios Divinos" ou "Liturgias da Palavra" (Nova Zelândia) e "Oração Matutina e Vespertina" (nosso LOC brasileiro). São variações dentro da terminologia tradicional.

Todos os livros considerados têm praticamente as mesmas seqüências essenciais. Elas correspondem ao fenômeno da assembléia, reunião e ao seu propósito. A oração começa com a reunião. O oficiante entra representando a caminhada, a peregrinação do povo de Deus. Há cerimônia ou gestos para sinalizar essa entrada, levantando-se todos. Todas as assembléias humanas apresentam gestos semelhantes. Nós damos o sentido bíblico e cristão da caminhada do povo de Deus. Em torno disso, é possível ter expressões diversas da invocação do Deus Triúno e de sua vinda à assembléia. Em seguida, há hinos ou cânticos, e as Sentenças Introdutórias próprias para as Quadras eclesiais. Sua finalidade é projetar o tom, modo ou tema da assembléia (o Advento, a Páscoa, etc.). Para os anglicanos, a Igreja (congregação) é convocada para louvar a Deus, ouvir sua Palavra, reafirmar sua fé e fazer súplicas. Essas reuniões apresentam tonalidades próprias do Natal/Epifania e Páscoa/Pentecostes. Essa tonalidade é expressa por meio de cores e ornamentos. Se não houver nenhuma flores e as cores forem roxo ou violeta, já se sabe que estamos na Quaresma.

Dentro desse esquema, a penitência é opcional. No caso da opção pela penitência, se o oficiante for um(a) leigo(a), fará uma oração em lugar da absolvição (p. 29). Noutros livros, o oficiante leigo substituirá "*tenha misericórdia de vós e vos perdoe*", por "*tenha misericórdia de nós e nos perdoe*." Essa diferença entre "vós" e "nós" deve-se ao fato de reservarmos a Absolvição aos que presidem à diocese e dentro da mesma às comunidades, isto é, aos bispos e presbíteros.

Todos os livros consultados mostram o padrão acima indicado. Há, sem dúvida, variações no que diz respeito ao conteúdo. Por exemplo, o LOC da Nova Zelândia substitui o *Venite* por *Magna et mirabilia* (pg. 48 do nosso LOC), acrescentando-lhe Ap 5.13. Além disso, há orações diárias bem sucintas para todos os dias da semana.

O propósito das Orações Matutina e Vespertina é louvar a Deus, ouvir sua Palavra e fazer orações seguindo a um determinado padrão. Por isso, quem desejar participar da Mesa, não a encontrará. Por isso, esses Ofícios são denominados de Liturgias da Palavra.

Esses ofícios diários foram compostos no período de Thomas Cranmer, a partir dos Ofícios das horas lidos nas ordens monásticas e também de Ofícios

elaborados no continente europeu pelos reformadores. Mas também não se pode ignorar a matriz judaica das orações cristãs.

Finalidade das Orações diárias

As orações diárias incorporam certos elementos judaicos via Novo Testamento, as experiências do período dos Pais da igreja e, também, do movimento monástico. No tempo de Thomas Cranmer, elas foram projetadas para a leitura diária das Escrituras do Antigo Testamento, Novo Testamento e Salmos. Tiveram um propósito formador da igreja e, principalmente, da liderança a Igreja na piedade bíblica. A ênfase está nas leituras meditativas com poucos elementos de louvor, de ação de graças e intercessões que mais caracterizariam a reunião da Igreja. E, neste ponto, surgem problemas relacionados com a expressão da Igreja como a comunidade do Espírito Santo, a comunidade que se reúne em torno da oração de Cristo. Neste ponto, é instrutivo o Prefácio das Orações diárias no LOC sul-africano. Elas servem para as reuniões da Igreja aos domingos em que onde não há eucaristia e para os indivíduos no sentido de ordenar suas devoções e participar da oração de toda a igreja e da oração de Cristo. Em outras palavras, elas servem para a oração pública da Igreja, mas são fracas no sentido de salientar e enfocara ação do Deus Triúno, o Evangelho como base do louvor, ação de graças e intercessão da igreja enquanto comunidade. A função principal delas é levar os indivíduos a "ouvir, ler, ponderar, aprender e assimilar interiormente" as Escrituras, e nelas meditas, conforme a coleta composta por Cranmer. Por isso, as Orações diárias servem mais para reuniões de estudo bíblico. No tempo de Cranmer, havia grande necessidade da Igreja divulgar a Bíblia e levar o povo a ler as Escrituras. Por isso, não foi projetado muito uso de cânticos e antifonas entre as leituras, pois a finalidade é a leitura, a meditação e a aprendizagem da Palavra. Por isso, são ofícios mais "cerebrais".

Essa espiritualidade das Orações diárias tem sua história, conforme Paul Bradshaw, especialista em Ofícios diários. Ele classifica as orações que se desenvolveram em quatro padrões:

a) Padrão do terceiro século. Tertuliano e Cipriano são as fontes. Eles mantinham as orações de origem judaica refletidas no Novo Testamento, especialmente nos escritos paulinos, consistindo de louvor e ações de graças, culminando em petição e intercessões.. Mesmo as orações em casa eram consideradas partes da Igreja como um todo. Conforme Cipriano, a "nossa oração é pública e comum e quando oramos, oramos por toda a Igreja, por todo o povo que é um só". E os cristãos entenderam que as orações eram oferendas de louvor e ação de graças a Deus. Com a oração, a igreja se manifesta como a comunidade sacerdotal. Eram poucas as recitações dos Salmos. Também as leituras eram poucas, porque faziam as leituras aos domingos e nos estudos.

b) Ofícios das catedrais no século IV. Com a oficialização do cristianismo, a congregação cresceu repentinamente. Houve necessidade de institucionalização organizacional da Igreja para se acomodar à nova situação. Em contraste com o século anterior onde cada indivíduo tinha parte na oração de toda a Igreja, surgiu

agora uma classe de liderança mais organizada, hierarquizada e com funções definidas. É claro que a frequência aumentou, mas a participação de cada um diminuiu em relação ao que era antes. Semelhante fenômeno experimentamos em nosso tempo. Se nós desejamos dar peso aos leitores e intercessores, os que não são perdem a oportunidade, e os "instituídos" não quererão abrir mão de suas funções. E a prática diz que quanto mais a pessoa é dedicada, mais chance de se apegar à função que se dedica. É uma espada de dois gumes.

No período em apreço, os cânticos entoados nas reuniões informais pelos seus autores ou pelo indivíduos mais espontaneamente vieram a ser entoados pelos cantores. Apesar dessas mudanças, o conceito de oração continuou a ser o de oferta de louvor e ação de graças mediante o Grande Intercessor no poder do Espírito Santo.

c) O culto dos monges no deserto. As orações diárias três ou mais vezes por dia tinham sua inspiração nas palavras paulinas: orai sem cessar. Porém, houve quem não ficasse satisfeito com três vezes ao dia e levasse ao pé da letra as palavras apostólicas. Esses eram os monges do deserto no Egito, no século IV, no vale inferior do Nilo. Ali introduziram certa guinada na espiritualidade com conseqüências práticas: (1) a ênfase da oração comunitária como celebração (anamnése da ação do Deus Triúno) e oferta de louvor e ação de graças passou a ser uma profunda meditação formativa (educacional) da alma; (2) espiritualidade individualista. O importante era que, em cada monge, fosse formado o Cristo. Esse era o propósito. A formação não foi considerada co-produto da celebração. Assim sendo, não importava o fato de se reunirem em oração, pois o mais importante era a meditação individual.

d) Houve comunidades monásticas que não se retiraram para o deserto, mas permaneceram próximas aos centros urbanos na região da Síria e Capadócia. Elas observavam a oração bem cedo de manhã, na terceira hora, sexta e nona, e também à noite. No geral, faziam orações comunitária. E não dispensavam as cerimônias externas.

A conclusão de Bradshaw é que as Orações diárias receberam influências mais dos monges do deserto que dos monges "urbanos". Percebe-se essa influência na leitura contínua do Saltério ao invés de seleções de Salmos e também na ênfase na meditação. No século XVI, Cranmer não teve acesso ao estudo crítico das Orações diárias.

Certamente, a liturgia anglicana inclui várias tradições que se desenvolveram na história cristã. A comparação entre os Livros nos mostra a diversidade e, ao mesmo tempo, o mesmo padrão. Por certo, a leitura diária contínua das Escrituras é um dos elementos desse padrão e deve ser aproveitada por todos quantos desejem ler as Escrituras diariamente. Mas não se trata de ler Gênesis ao Apocalipse. Por exemplo, no Ano 1, as leituras do Antigo Testamento começam com Isaías 1 e, praticamente todo o livro de Isaías é lido. Ao mesmo tempo, lê-se I e II Tessalonicenses e Lucas 20 a 22.69. A leitura do Evangelho passa para os primeiros capítulos dos evangelhos sinóticos, para se adequar à

celebração da vinda do precursor de Jesus Cristo. Esta forma de leitura contínua leva em consideração a adequação às quadras do Ano cristão.

Outro ponto a destacar é a adaptação de certos salmos como antífonas ou saudação. Por exemplo, a alteração do “abre meus lábios” do Salmos 51 para “abres os nossos lábios”. Esse uso indica a natureza comunitária da oração e louvor. Há, assim, o desejo de expressar o senso comunitário de celebração, ao invés de se mergulhar quase que unicamente na meditação, embora tenha ela seu lugar. A Oração diária talvez seja o ponto mais fraco do LOC. Nesse particular, no LOC sul-africano, há uma introdução ou acolhida na Oração Matutina em que o oficiante diz:

Estamos reunidos como família de Deus, na presença do nosso Pai, a fim de lhe oferecermos louvor e ação de graças, para ouvirmos e recebermos sua Santa Palavra, para trazermos diante dele as necessidades do mundo, pedirmos seu perdão e procurarmos sua graça a fim de que, por meio de Jesus Cristo, façamos a doação de nós mesmos neste ofício.

O convite para a confissão também carece de certa elaboração que ressalte o que nos leva à confissão. Não é a Deus em abstrato que confessamos os nossos pecados, mas a Deus que, em sua bondade, trouxe à humanidade a nova criação, o novo tempo, o novo convívio fraterno. O pecado é a transgressão contra esse Deus, a rejeição da nova criação, o afastamento desse Deus, e deixar de assumir a nova condição a nós oferecida.

Ano Cristão

Faz parte do padrão da Liturgia anglicana, o uso do Ano Cristão, embora não isso não conte dos elementos do padrão litúrgico sugerido pela Conferência de Lambeth 58. Todos os Livros trazem o Calendário Cristão, nas primeiras páginas, precedidas de Prefácio. A liturgia anglicana como a liturgia das demais igrejas históricas e litúrgicas tem uma seqüência anual que difere do ano civil. Ao invés de começar com o 1o. de janeiro, começamos com o 1o. domingo do Advento. O núcleo central do Ano Cristão é a Páscoa, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Semanalmente é celebrada essa Páscoa, a cada domingo. Assim, os domingos, o Advento, Natal, Domingo da Páscoa, Pentecostes e outras festas são momentos visíveis da realidade plena de graça da salvação. Por meio de domingos e de quadras do Ano cristão, celebramos o mistério do Evangelho, do reinado de Deus e da salvação. Celebrar é anunciar o que Deus tem feito e prometido e engrandecer os feitos e promessas (louvar) e dar graças, invocar o Espírito Santo, interceder pelos outros e suplicar que Deus renove os nossos compromissos com sua missão. As quadras dão variações nas ênfases do memorial e esperança da Ressurreição.

Além dessa festas que marcam as quadras, há outras festas, catalogadas nas páginas 13 a 19 do nosso LOC.

Procedência dos Domingos sobre outras festas

No decorrer do Ano Cristão podem coincidir que algumas festas caiam no domingo. Como regra geral, o domingo tem precedência sobre outras festas, porque o domingo é a razão da celebração cristã. Porém, há exceções - nas festas de Cristo, o ressuscitado (ver pg. 13). Assim, fora essas exceções, outras festas são transferidas para os dias da semana.

Quanto à estruturação das quadras, compartilhamos o Ano Cristão das Igrejas históricas do Ocidente com algumas pequenas diferenças na organização do período da Epifania e depois do Pentecostes. A Epifania em nosso LOC se estende até a véspera da 4a. feira de cinzas e o tempo após o Pentecostes até a véspera do Advento. Não adotamos os domingos do Tempo Comum. Com várias Igrejas históricas, recuperamos o período de cinquenta dias como o período pascal, fruto das pesquisas litúrgicas.

Preocupações contemporâneas da Liturgia Anglicana

Uma das grandes preocupações litúrgicas no anglicanismo de hoje é a inculturação. Este assunto foi tratado na Consulta Internacional Anglicana sobre Liturgia em 1989, reunida em York. A Consulta baseou-se no Relatório e resoluções de Lambeth 88 sobre Cristo e Cultura. Entre outras coisas, a Consulta indicou áreas em que é necessária a inculturação:

- a) Linguagem, forma de pensamento, estilo de expressão;
- b) Vestes clericais e leigas que procedam da cultura local;
- c) Música e hinos;
- d) Arquitetura e Arte.

Essa preocupação já está sendo traduzida em experimentos litúrgicos em algumas Igrejas da Comunhão Anglicana. Em nossa Igreja ela se centra mais na música e hinos.

A linguagem inclusiva na liturgia é outra preocupação. Já está em curso em liturgias alternativas autorizadas em várias Províncias de nossa Comunhão. Mas a inclusividade não é coisa pacífica, porque implica na mudança no uso do título "Deus" na forma masculina.

Não são poucas as preocupações e projetos para o futuro. Como imaginar o reinado de Deus na assembléia reunida para a Eucaristia é a preocupação de muitos autores, mas é acentuada pelo bispo Rowan Williams¹. Imaginar o reinado implica em imaginar o nosso lugar na sociedade. Em outras palavras, é imaginar a missão de Deus no mundo e nossa parte nessa missão. Essa questão pode ser tratada sob o título de Liturgia e Sociedade, Liturgia e Política, no sentido de organização da cidade e cidadania. Certamente, a imaginação da igreja diante da sociedade, nação e estado difere de um local para outro, mesmo dentro da

¹Imagining the Kingdom.. in STEVENSON and SPINKES (ed.). The Identity of Anglican Worship, pp. 1-13.

Comunhão Anglicana. Depende da posição que a Igreja ocupa na sociedade (se ela é minoritária, majoritária e do acesso que seus eclesianos têm às várias posições de liderança na sociedade e, também da visão que seus membros têm do reinado de Deus e do mundo em que vivem). Por isso, a proclamação plena do Evangelho do reinado de Deus torna-se imprescindível. É certo que os primeiros *Livros de Oração Comum* foram elaborados para uma situação em que não havia separação entre a Igreja e o Estado. Certamente, esse relacionamento foi ambíguo. Nós que vivemos uma outra situação, também não estamos livres da ambigüidade. E isso requer discernimento litúrgico e teológico.

Por outro lado, na Oração pela Igreja e na Exortação para a Comunhão, as liturgias de 1549, 1552 e 1662 expressam o senso de responsabilidade da Igreja, de todos os cristãos e de todos os cidadãos diante do Deus Santo e a responsabilidade da Igreja em relação à sociedade. A invocação do Deus Triúno na Coleta pela Pureza foi e continua a ser o reconhecimento da majestade da livre graça e bondade de Deus anunciada no Evangelho e celebrada na Ceia do Senhor. Esse Deus não pode ser enganado. A responsabilidade para com Deus é feita concreta na exortação para vir à festa onde nada falta e a única coisa a fazer é sentar-se á mesa. E o teste da seriedade dos participantes é o desejo de sentar-se em companhia de outros. O julgamento recai sobre quem deseja afastar-se de quem veio alimentar-se do banquete. Se alguém sentir-se indigno de pertencer a essa companhia, então, sabe que está ao seu alcance a reparação da injustiça cometida ou da falta de amor. Isso não é moralismo. Trata-se da ética evangélica na liturgia. Em outras palavras, a companhia na Mesa é a representação da ordem social na perspectiva do LOC. A possibilidade de sentar-se junto como hóspedes de Deus se relaciona também, com o modo como se usam o poder e os bens fora dos momentos litúrgicos da assembléia reunida.

Tudo isso significa que é preciso trabalhar na área da Exortação, da Confissão, das Intercessões, da Oração Eucarística, de modo a poder imaginar o reinado de Deus como a nova possibilidade de convivência, comunidade fraterna e solidária, fazendo o uso das metáforas do Pacto, da Aliança, da Cidade e cidadania. É certo que essa imaginação é antecipação que propulsiona o viver agora na direção da plenitude do reinado de Deus. Por isso, sob o anúncio da promessa, da esperança, é preciso rever os termos de exortação e confissão ou penitência.